O PODER DISCIPLINAR E A VIOLÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES: um estudo à luz de Michel Foucault e Áurea Guimarães

Priscila Aparecida Silva Cruz[1];Prof.ª Drª Silvane Aparecida de Freitas[2]

[1] Discente do Curso de Direito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.Bolsista PIBIC/CNPq. E-mail: priscarola@hotmail.com.

[2] Docente dos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais, Especialização em Educação e Mestrado em Educação e Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. E-mail: silvanefreitas@hotmail.com

Área de conhecimento do CNPq: Educação.

Resumo

Vivemos em uma sociedade de vigilância em que as instituições estão impregnadas de mecanismos de poder e controle social. As escolas não passam intactas dessa realidade. A imposição de regras disciplinares evidencia esse fato. Para o entendimento desse fenômeno, o presente projeto procura apresentar as análises de Foucault referentes à formação da sociedade disciplinar, compreendendo como se dá o funcionamento das suas formas de vigilância e punição em nossa sociedade, sendo o foco principal, a escola e suas relações de controle e vigilância, identificando os mecanismos de exercício do poder disciplinar utilizado na Instituição Escolar e como o rigor das práticas disciplinares pode vir a causar a repulsa do aluno às regras e por extensão, causar violência escolar. A pesquisa bibliográfica, ora realizada tem como referencial teórico Michel Foucault, Áurea Guimarães e outros autores que avaliam a questão do poder disciplinar na formação da instituição escolar moderna.Tais reflexões buscam compreender os mecanismos de exercício do poder disciplinar utilizados na Instituição Escolar e como esses mecanismos exercem o controle social, político e ideológico na sociedade moderna.

Palavras-chave: Disciplina. Escola. Punição. Vigilância.Controle.

Introdução

Vivemos numa sociedade de vigilância, em que cotidianamente estamos sendo avaliados, controlados e moldados e por ser tão habitual, sequer nos damos conta disso. Michel Foucault se preocupou em estudar o fenômeno de disciplinarização do indivíduo, denominando de poder disciplinar, ou simplesmente, disciplina. A disciplina consiste num conjunto de técnicas em que as relações de poder têm por objetivo a singularização do individuo, a sua normalização, sendo um mecanismo utilizado para garantir o controle de todos os indivíduos que compõem determinada sociedade. As instituições, em geral, adotam os mecanismos disciplinares para garantir a vigilância, o controle, a maior produtividade e desempenho de seus integrantes. As instituições escolares estão impregnadas desse mecanismo disciplinar de controle social.

Especialmente no livro “Vigiar e Punir: nascimento das prisões” de Michel Foucault, a questão do poder disciplinar e de seus dispositivos é problematizada, constituindo, assim, o

assunto principal dessa pesquisa, que versará sobre a disciplina utilizada na sociedade moderna para o controle da atividade e da composição das forças do indivíduo, para obtenção de maior eficiência e controle social com regulamentação das práticas punitivas da instituição escolar, apresentando as análises de Foucault referentes à formação da sociedade disciplinar, compreendendo o funcionamento das suas formas de vigilância e punição em nossa sociedade, sendo o foco principal, a escola e suas relações de controle, vigilância e punição.

Apontaremos como a disciplina age na instituição escolar e como a rigidez das regras impostas nesse sistema disciplinar pode gerar revolta entre os estudantes e, por vezes, violência, já que como Áurea Guimarães (1996b) mesmo aponta, o fato de que a rigidez das regras que busca a homogeneização pode causar efeitos no comportamento dos alunos e que a reação a esse mecanismo vem em forma de violência.

O intuito da pesquisa é estudar as análises de Foucault e Áurea Guimarães referentes à formação da sociedade disciplinar, compreendendo o funcionamento das suas formas de vigilância e punição em nossa sociedade, sendo o foco principal a escola e suas relações de controle e vigilância, que, por vezes, redunda em violência pela rigidez das relações estabelecidas.

Material e Métodos

A pesquisa apresentada é de cunho qualitativo, baseado na revisão bibliográfica e levantamentos de textos teóricos relacionados ao pensamento de Michel Foucault e Áurea Guimarães, verificando-se primeiramente como o poder disciplinar age na instituição escolar, para então compreender como esse pode ser um fator gerador da violência.

Resultados e Discussão

O poder disciplinar teve início no século XIX, período compreendido por Modernidade. O início dessa nova era disciplinar é marcada por uma nova forma de administrar os corpos. A punição que antes era entendida como forma de agredir ou humilhar alguém, agora passa a ser vista como forma de moldar corpos, educando-os. O controle disciplinar, por meio de suas técnicas de controle e adestramento, foi mantido e aceito em diversas instituições disciplinares.

A escola, compreendida como instituição disciplinar que “produz” indivíduos úteis e dóceis, ideais para o sistema capitalista, exercita e mantêm o controle disciplinar. Foucault nos oferece instrumentos que permite analisar a escola como um espaço produtor de saber e de poder, onde a disciplina seria peça fundamental para a concepção do saber das ciências

humanas. As práticas pedagógicas da sociedade disciplinar possibilitam que os corpos sejam vigiados constantemente e que comportamentos sejam diariamente estabelecidos.

A eficácia do poder disciplinar está no fato de não conter apenas aspectos negativos, que reprime e penaliza, mas positivos, que é ser produtivo e produzir saberes. A disciplina foi fundamental para o desenvolvimento dos estudos das ciências humanas, pois, "o poder, longe de impedir o saber, o produz." (FOUCAULT, 1985, p. 148-149).

Além de produzir saber, o poder disciplinar, com todos os seus artifícios de controle e submissão, cria indivíduos dóceis, úteis e que toleram toda prática exercida sobre eles, submissos ao sistema capitalista.

Em sua obra Vigiar e Punir (2008), Foucault se preocupa em estudar a questão das instituições penais, sendo seu foco principal o estudo do poder e da nova tecnologia de controle dos corpos que incidia sobre os prisioneiros, surgida a partir do século XVIII. No estudo, ele se refere ao esquadrinhamento disciplinar da sociedade, que consistia em um controle minucioso sobre a vida, os movimentos, o corpo do indivíduo. Durante suas análises, Foucault notou que esse tipo de controle disciplinar não era exclusivo das prisões, e sim permeava várias instituições, como as fábricas, exércitos, hospitais e escolas.

O estudo de Foucault nos permite analisar a escola como um espaço de produção de disciplina e saber, onde ele é instaurado e aceito. Podemos dizer que na escola, "ser disciplinado" compensa, pois nessa instituição, fica claro o jogo de recompensas e honras. Esse jogo de premiações ao bom aluno disciplinado tem dois efeitos, que vão distribui os estudantes conforme suas habilidades e seu comportamento, exercendo sobre os alunos o mesmo modelo, para que todos sejam dóceis e úteis. Na escola, todos têm que se parecer.

O novo modelo punitivo, não previa somente a punição do indivíduo, mas seu "adestramento". Não se importava mais punir por punir, mas punir para ensinar. Todos os alunos da escola deveriam atender ao modelo estabelecido, toda desvirtualização da regra deveria ser punida, para se aprender a sempre se fazer o "correto".

Na escola, assim como nas demais instituições disciplinares, a punição ocorre por meio de micropenalidades, que dizem respeito aos desvios quanto ao tempo, hábito, gestos, comportamento, corpo, sexualidade e discurso, sendo que o corretivo contra os desvios se dá pelo castigo, em que as "punições são muitas da ordem do exercício, do aprendizado intensificado, multiplicado, repetido, do que a vingança da lei ultrajada [...] O sistema operante no treinamento escolar é o da gratificação- sanção." (GUIMARÃES, 2003, p. 27).

O controle minucioso dos alunos ocorre por meio do esquadrinhamento do tempo, espaço, atividades e corpo. O controle de todos esses movimentos garante que os indivíduos

saiam da escola com uma docilidade e utilidade ideal ao mundo capitalista.O corpo entra numa “mecânica do poder” que “o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.” (FOUCAULT, 2008, p.119). Essa anatomia política do corpo permite que seja retirado toda a sua força produtiva e diminuída toda a sua força no âmbito de manifestação política. Com isso, o indivíduo tona-se útil economicamente e dócil politicamente.

A escola, como as demais instituições disciplinares, produz poder, sendo pela vigilância que esse poder passa a se organizar em multiplicidade, de forma automática e anônima, atuando diretamente na vida dos que nela estão inseridos, fazendo funcionar, assim, uma “rede de relações”. A comunicação dos estudantes se dá num sentido vertical, causando a reunião sem comunicação, produzindo assim, o isolamento. Em contrapartida, hábitos de sociabilidade também são produzidos, já que a escola exige que os alunos participem de exercícios úteis à coletividade, como a execução de bons hábitos.

A existência de exames na escola é outro indicador do poder disciplinar. O exame faz de cada estudante um caso particular, sendo esse caso descrito, analisado, comparado, classificado e constantemente retreinado e normalizado, sendo “[...] um caso que ao mesmo tempo constitui-se um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder.” (FOUCAULT, 2008, p.159). O exame é uma prática disciplinar que normaliza ao mesmo tempo em que vigia, ele permite qualificar, classificar, vigiar e punir, combinando técnicas da hierarquia que vigia, sanciona, buscando normalizar.

Para Foucault (2008, p.155), a instituição escolar tornou-se uma espécie de dispositivo de exame continuado, que acompanha toda dimensão de ensino. Áurea Guimarães (2003, p.37) menciona que as normas pedagógicas são mecanismos eficazes para marcar, “solidificar os desvios” e reforçar a imagem do aluno compreendido como “problemático”. Partindo ainda das análises de Foucault, Guimarães (2003) preocupa-se com o fato de que a escola sempre exerceu sua função de forma individualista, independente do período a ser vivido, com o decorrer dos tempos, mudam-se apenas as fachadas, mas os objetivos de formar pessoas para atender ao modo de produção continuam os mesmos. Nesse sentido, nota-se que inúmeras práticas pedagógicas estão surgindo, no entanto, o aluno que deveria ser o sujeito dessas práticas não participam de suas formulações e reformulações, eles se tornam meros receptores, sujeitos passivos.

O atual modelo pedagógico permite analisar os indivíduos nas suas peculiaridades, buscando tornar todos igualmente submetidos às regras, vigiando-os constantemente. As

punições não buscam extinguir os infratores, mas diferenciá-los e distingui-los, separando-os em grupos distintos, fechados e restritos de indivíduos.

A escola passa assim a se constituir num observatório político, num mecanismo que permite conhecer toda a vida dos discentes por meio dos docentes e demais membros pertencentes à escola – diretores, coordenadores, funcionários e até mesmo pelos próprios estudantes. A punição na escola torna-se aceitável, legítima e natural. Pode-se dizer que para Foucault, o poder de educar, na sociedade contemporânea, não é muito diferente do de punir. A escola, com seus mecanismos disciplinares, levam as pessoas a aceitarem o poder de serem punidas e também de punir. Entretanto, o rigor das punições gera como Áurea Guimarães (2003) mesmo alerta, violência escolar, evidenciadas em vandalismo, depredação e indisciplina contra a escola. Por mais que a vigilância, a punição, os horários e as demais técnicas disciplinares procurem neutralizar possíveis movimentos de contra-poder, sendo, por vezes eficaz, o contra-poder existe e se exterioriza em indisciplina e violência, como forma desesperada de luta contra essa disciplinarização desumana, que reprime e exclui, tendo esse o aspecto negativo do poder disciplinar: a exclusão.“A disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os espaços, tem, as relações afetuais entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável ou na violência banal.” (GUIMARÃES, 1996a, p. 78).

Conclusões

Com todo esse quadro de submissão, punição e vigilância, pode-se dizer que a escola não tem buscado formar indivíduos críticos, tendo sempre exercido sua função de forma egoísta, sem se preocupar com o período vivido, pois é normal que se mudem os professores ou as arquiteturas da escola, mas o intuito de formar massas de manobra para o mundo capitalista permanece. O aluno não é parte fundante da escola, ele tem sido apenas receptor de suas idéias, mas nunca formulador. A escola “se diz democrática, mas não o é; diz que prepara para a vida, mas não o faz; é lugar do novo, mas propaga o velho.” (GUIMARÃES, 1996a, p.25).

Deve-se pensar “fazer escola” de outra forma, pois “na luta contra o poder disciplinar, não é em direção do velho direito da soberania que se deve marchar, mas na direção de um novo direito antidisciplinar e, ao mesmo tempo, liberado do principio da soberania.” (FOUCAULT, 1985,p.190). O papel do educador deve ser o de lutar contra as amarras do poder, tentando formar indivíduos críticos e pensantes, pois para Foucault(1985,p.151), o papel do intelectual não é dar conselhos, mas sim, mostrar aos interessados, o que está

acontecendo, alertá-los da maquinaria em que estão envolvidos, formando, assim, pessoas abertas para a mudança. Se o sistema produtivo exige os valores e conhecimentos a serem transmitidos aos alunos, se os educadores contestam esse sistema, cumpre não só o papel de ser um profissional competente, como também a de ser um agente transformador dentro da escola, levando todo o grupo "a discutir seus próprios problemas de disciplina, de relação etc., e a buscar respostas em conjunto". (GUIMARÃES, 2003, p.130).

Foucault (2011, p.15) alerta que "não há relação de poder sem resistência [...] toda relação de poder implica, portanto, ao menos de forma virtual, uma estratégia de luta." Assim, necessário se faz que a escola se livre de seus instrumentos violentos de punição, para que a tensão no ambiente escolar seja frutífera e possamos ter a escola que queremos e não a que o sistema capitalista quer.

Agradecimentos

Agradecemos à UEMS e ao CNPq por ter nos dado a oportunidade de realizar a presente pesquisa. Agradeço também a minha orientadora Silvane, pelas prazerosas horas de dedicação e sabedoria. À minha família, amigos e ao meu amor da faculdade, por tudo.

Referências

Artigo

FOUCAULT, M. 2011. **Dois ensaios sobre o sujeito e o poder**. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sujeitopoder.pdf>Acesso em 1 de março de 2011.

Livros

FOUCAULT, M. 1985. **Microfísica do poder**. 5ª ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro-RJ,Ed. Graal, 295p.

_____. 2008. **Vigiar e Punir**.35ª.ed. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 262p.

GUIMARÃES, A. M. 1996a. **A dinâmica da violência escolar**: Conflito e ambigüidade. Campinas-SP, Ed. Autores Associados, 172 p.

_____. 2003. **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. 3 ª ed. Campinas-SP, Ed. Papirus, 160p.

Capítulo

GUIMARÃES, A. 1996b. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. In: Aquino, J.G. (Org.). **Indisciplina e Violência:** a ambigüidade dos conflitos na escola. São Paulo-SP, Ed.Summus, p.73-82.